

ENSINO DE LIBRAS EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE CASTANHAL

UTILIZANDO MATERIAIS PEDAGÓGICOS ADAPTADOS

Ilma Ferreira Pimentel¹

Silvany Ellen Risuenho Brasil²

Karla Nayara Barbosa e Silva³

Raphaella Duarte Lopes de Albuquerque⁴

RESUMO: A escola precisa satisfazer as necessidades de todos os alunos que a frequentam independente de ter deficiência ou não. A educação bilíngue para alunos com surdez assegura o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua. Este trabalho teve o objetivo de descrever os materiais pedagógicos adaptados elaborados por uma professora do ensino fundamental menor e Educação de Jovens e Adultos de duas escolas municipais de Castanhall para trabalhar a disciplina de Libras na sala regular. Foram descritas as confecções e o modo de jogar de seis materiais adaptados. Verificou-se a possibilidade de acessibilizar materiais pedagógicos para trabalhar o conteúdo tanto da disciplina de Libras quanto de outras disciplinas com o uso de materiais do cotidiano escolar. Sugere-se que em uma próxima pesquisa sejam observados os comportamentos (ações, conversas e comentários) dos alunos com surdez e seus colegas de turma ao utilizar tais materiais pedagógicos adaptados.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Materiais Adaptados, Libras.

INTRODUÇÃO

A formação continuada de professores representa papel importante na transformação escolar. A partir do momento que se prepara o professor para trabalhar com a diversidade, a instituição começa a ser um lugar onde as identidades são respeitadas e valorizadas (CANEN; XAVIER, 2011).

As instituições de ensino superior precisam antecipar na organização curricular a formação docente voltada à diversidade, onde seja contemplado o conhecimento referente às especificidades dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (BRASIL, 2008).

Segundo Sánchez (2005), a inclusão é para todos. Por isso, a escola precisa satisfazer as necessidades de todos os alunos que a frequentam, sejam elas de cunho psicológicos ou sociais, independente desse estudante de ter deficiência ou não.

¹ Graduanda de Pedagogia pelo PARFOR da Universidade Federal do Pará

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos

³ Bolsista PROEG/UFPA e graduanda de Pedagogia da Universidade Federal do Pará

⁴ Professora da Universidade Federal do Pará

A Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva, é considerada uma modalidade de ensino que se faz presente em todos os níveis do mesmo. O seu público alvo são os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. A Educação Especial é responsável pela orientação das instituições visando à garantia do acesso ao ensino regular, oferta o Atendimento Educacional Especializado (AEE), formação de professores para a realização do atendimento e demais profissionais da educação para a inclusão, participação da comunidade e da família, acessibilidade nos transportes, na comunicação arquitetônica e elaboração de políticas públicas para o desenvolvimento efetivo desse processo (BRASIL, 2008).

Dentre o público dos alunos com deficiência, encontram-se os alunos com deficiência auditiva/surdez. É considerada pessoa com surdez aquela que apresenta uma perda auditiva parcial bilateral ou total, “de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz” (BRASIL, 2005, p. 1) e tem reconhecida a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão (BRASIL, 2002).

Para se compreender melhor o avanço e as conquistas das lutas do movimento de pessoas com surdez no âmbito educacional, Sá (2004 apud PERLIN; STROBEL, 2006, p. 4) salienta que a “a história comum dos surdos é uma história que enfatiza caridade, o sacrifício e dedicação necessária para vencer ‘grandes adversidades’”.

No ano de 1756, De L'Epée fundou, em Paris, a primeira escola para surdos com uma filosofia manualista e oralista, ou seja, o surdo usava as mãos e oralizava. Foi a primeira vez que os surdos adquiriam o direito de uma língua própria. A partir de então, começaram a aparecer as primeiras demonstrações de reconhecimento da Língua de Sinais. SILVA (2006) afirma que

No convívio com os surdos o abade L'Epée percebe que os gestos cumpriram as mesmas funções das línguas faladas e, portanto, permitiam uma comunicação efetiva entre eles. E assim, inicia-se o processo de reconhecimento da Língua de Sinais. Não apenas em discursos, mas em práticas metodológicas desenvolvidas por ele na primeira escola pública em Paris. Além disso, para o abade, os sons articulados não eram o essencial na educação de surdos, mas sim a possibilidade que tinham de aprender a ler e a escrever através da Língua de Sinais, pois essa era a forma natural que possuíam para expressar suas idéias (2006, p. 23).

Já em 1880, aconteceu, em Paris, o Congresso de Milão que reuniu vários estudiosos da Europa e dos Estados Unidos e definiu uma nova etapa na educação dos surdos: a oralista. Soares (2005) conceitua o oralismo da seguinte forma:

Oralismo, ou método oral, é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral (Soares, 2005, p. 1).

Mas o oralismo também acarretou muitas consequências que não foram satisfatórias para os surdos, como se observa claramente no fracasso acadêmico em que está inserido. Segundo Sacks (1990, p. 45 apud QUADROS, 2008, p. 22),

“o oralismo e a supressão do sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral. Muitos dos surdos hoje em dia são iletrados funcionais”.

Em 1857, o educador surdo Eduard Huet, ex-aluno do instituto de Paris, trouxe para o Brasil o alfabeto manual francês e a Língua Francesa de Sinais. Com o apoio de D. Pedro II, foi criado o Instituto dos Surdos Mudos em 26 de setembro de 1857, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdo – INES (HONORA; FRIZANCO, 2009). Neste instituto, os alunos eram educados pela língua escrita, pela datilologia e sinais, pois anteriormente o surdo era proibido de usar sua própria língua, a Libras, chegando até a ficarem com as mãos amarradas e a sentarem em cima das mesmas (GESSER, 2009). Em 1971, somente com o Congresso Mundial de Surdos em Paris, a Língua de Sinais passou a ser valorizada, pois até então, cerca de 100 anos, havia um “império oralista” (JESUS; DOMINGUES, 2005).

Após o Oralismo, a filosofia da Comunicação Total foi o segundo momento histórico da educação de surdos, onde se verificava a utilização de vários recursos para a comunicação (gestos, textos orais e escritos, fala sinalizada) com o objetivo de maximizar as interações sociais. Segundo Capovilla e Raphael (2008), na década de 1970, alguns países europeus passaram a questionar este método de ensino por identificar que as crianças apresentavam aprendizado em leitura e escrita aquém do esperado.

Atualmente, no Brasil, a educação bilíngue para alunos com surdos está previsto em lei (BRASIL, 2005), assegurando o aprendizado da Libras como primeira língua e da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua.

Devido à prática na atual perspectiva da educação inclusiva exigir melhores formações de professores, a carência das mesmas se torna evidente. E o autor-reconhecimento por parte do docente no processo inclusivo é válido, pois, este é responsável pelas possíveis intervenções pedagógicas que darão suporte para o desenvolvimento dos estudantes (LIMA, 2006).

Em todo o histórico da educação de surdos, têm-se várias práticas pedagógicas ineficazes partindo do pressuposto de que os surdos eram pessoas portadoras de alguma incapacidade (MARTINS, 2010). Segundo Ferreira (2006), o primeiro requisito do novo perfil de professores para atuar na educação inclusiva refere-se à aquisição de conhecimentos sobre as características individuais de cada um de seus estudantes. O segundo requisito é utilizar-se dos instrumentos básicos das tecnologias de informação e comunicação (TIC), incluindo-se, no caso de educação de alunos com surdez, atividades lúdicas que se utilizem da Libras como meio de informação e comunicação durante a atividade.

OBJETIVO

Descrever os materiais pedagógicos adaptados elaborados por uma professora do ensino fundamental menor e Educação de Jovens e Adultos de duas escolas municipais de Castanhal para trabalhar a disciplina de Libras na sala regular.

METODOLOGIA

Castanhal é uma cidade que fica aproximadamente a 68 quilômetros de Belém, capital do Pará, possuía cerca de 176.116 habitantes em 2011 e 38,4% de sua população na etária de 6 a 24 anos (BRASIL, 2010). Nesta cidade, a disciplina de Libras consta como oferta obrigatória no currículo das escolas municipais.

Os materiais pedagógicos adaptados foram elaborados por uma professora que ministra a disciplina de Libras em salas regulares do ensino fundamental menor e da Educação de Jovens e Adultos em duas escolas municipais de Castanhal.

Tal material foi elaborado durante o planejamento para as aulas da disciplina supracitada a partir de recursos do cotidiano escolar, como clipes, cola branca, EVA, figuras e desenhos diversos (exemplo: meios de transporte, elementos da natureza e de sinais em Libras), fita adesiva, isopor, lápis de cor, papel 40kg, papel cartão, papel

madeira, pastas de papelão, palito de pirulito, pincel, régua, tampinhas de garrafas de refrigerante e tesoura.

Além disso, ao confeccioná-los, procurou-se que os mesmos também pudessem se relacionar com os assuntos trabalhados em outras disciplinas.

Posteriormente, foram selecionados seis materiais que foram descritos quanto aos recursos utilizados para sua elaboração, como foi confeccionado, em qual(is) disciplina(s) e para qual conteúdo pode(m) ser utilizado(s) além da Libras e sugeriu-se uma forma de uso para cada um deles.

RESULTADOS

Os seis materiais pedagógicos adaptados selecionados foram: 1) bingo do alfabeto manual; 2) bingo dos alimentos; 3) batalha naval; 4) jogo da memória do alfabeto manual; 5) jogo da memória dos sinais de animais; 6) trilha ecológica.

Eles serão descritos um a um de acordo com os recursos utilizados para sua elaboração, como foi confeccionado, em qual(is) disciplina(s) e para qual conteúdo pode(m) ser utilizado(s) além da Libras e a sugestão de uso.

1) Bingo do alfabeto manual

O Bingo do alfabeto manual foi elaborado utilizando-se pastas de papelão coloridas, pincel, tesoura, cola branca, figuras do alfabeto manual recortado e régua (Figura 1).

Para confeccioná-lo, foi necessário recortar as pastas em retângulos do tamanho de cartelas de bingo, traçar com a régua e o pincel uma linha horizontal e duas verticais para delimitar os espaços para colar as figuras do alfabeto e colá-las em espaços diferentes.



Figura 1. Cartelas do Bingo do alfabeto manual utilizado na disciplina de Libras

numerais em Libras, de meios de transportes e sinais dos meios de transportes (Figura 3 e 4).

Para confeccionar a cartela, foi necessário traçar no papel 40kg com fita adesiva fina colorida cinco linhas e cinco colunas com os espaços para colocar os cliques para encaixar as fichas do jogo, fazer uma flor de EVA para colocar no canto superior esquerdo para dar destaque no papel, colar as figuras das letras em Libras na primeira linha e as dos numerais na primeira coluna da cartela (Figura 3).



Figura 3. Cartela da Batalha naval utilizada na disciplina de Libras

Para confeccionar as fichas para o jogo, foi necessário recortar o papel cartão em quadrados, em alguns desenhar bombas com pincel, escrever em outros vale pontos ou fique sem jogar, e recortar e colar as figuras dos meios de transportes e os sinais nas cartelas (Figura 4).



Figura 4. Fichas da Batalha naval utilizada na disciplina de Libras

Além da disciplina de Libras, ela pode ser utilizada para História e Geografia para trabalhar os meios de transporte.

Como sugestão de uso, pode-se preencher os espaços da batalha com as diversas fichas (sinais sobre os meios de transporte, bombas e palavras de vale ponto ou fique sem jogar uma rodada). Cada aluno deverá sinalizar uma letra e um número, a professora retira a ficha e o discente terá que dizer se é um sinal ou fazer o sinal se

retirou uma figura de meios de transporte. Vencerá aquele que tirar menos bomba, ficar menos vezes sem jogar e acertar a resposta da ficha que retirou.

4) *Jogo da memória do alfabeto manual*

O Jogo da memória do alfabeto manual foi elaborado utilizando-se papel cartão, tesoura, cola branca, figuras do alfabeto manual e do alfabeto português (Figura 5).

Para confeccioná-lo, foi necessário cortar o papel cartão em quadrados, colar as letras do alfabeto manual e do alfabeto português.



Figura 5. Jogo da memória do alfabeto manual utilizado na disciplina de Libras

Além da disciplina de Libras, ele pode ser utilizado para Língua Portuguesa para relacionar o alfabeto português com o alfabeto manual.

Como sugestão de uso, pode-se colocar todas as cartelas com as figuras viradas para baixo e cada participante retira uma e depois outra, se a figura do alfabeto manual corresponder a do alfabeto português, o aluno marca um ponto. Vencerá o jogo aquele que encontrar mais pares no decorrer da partida.

5) *Jogo da memória dos sinais de animais*

O Jogo da memória dos sinais de animais foi elaborado utilizando-se papel cartão, tesoura, cola branca, figuras dos animais e de seus respectivos sinais em Libras (Figura 6).

Para confeccioná-lo, foi necessário cortar o papel cartão em quadrados, colar a figura de animal ou de um sinal de animal em Libras em cada cartela.



Figura 6. Jogo da memória dos sinais de animais utilizado na disciplina de Libras

Além da disciplina de Libras, ele pode ser utilizado para Ciências para os animais domésticos e silvestres.

Como sugestão de uso, pode-se colocar todas as cartelas com as figuras viradas para baixo e cada participante retira uma e depois outra, se a figura do alfabeto manual corresponder a do alfabeto português, o aluno marca um ponto. Vencerá o jogo aquele que encontrar mais pares no decorrer da partida.

6) *Trilha ecológica*

A Trilha ecológica foi elaborada utilizando-se papel madeira, cola branca, tesoura, pincel, régua, tampinhas de refrigerante, isopor, palito de pirulito, figuras dos sinais dos elementos da natureza e dos numerais em Libras, e desenhos dos elementos da natureza (Figura 7 e 8).

Para confeccionar o tabuleiro, foi necessário desenhar um caminho formado por quadrados, recortar e colar os sinais dos elementos da natureza em alguns espaços, desenhar no papel madeira figuras dos elementos da natureza, escrever em outros espaços: pule 2 casas ou fique 3 rodadas sem jogar (Figura 7).

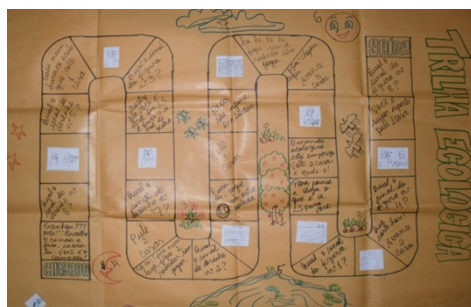


Figura 7. Tabuleiro da Trilha ecológica utilizada na disciplina de Libras

Para confeccionar o dado, foi necessário cortar o papel cartão em forma de dado, recortar e colar os numerais em Libras. E para os marcadores, cortar pedaços pequenos de papel cartão de diversas cores em quadrado, colar no palito de pirulito e, em seguida, colar os numerais também em Libras, cortar pequenos pedaços de isopor e colocar dentro das tampinhas para poder fixar o palito de pirulito dos marcadores (Figura 8).



Figura 8. Marcadores da Trilha ecológica utilizada na disciplina de Libras

Além da disciplina de Libras, ele pode ser utilizado para Ciências para trabalhar os elementos da natureza.

Como sugestão de uso, pode-se abrir a trilha em um lugar plano, separando quem vai jogar e distribuindo os marcadores para os jogadores. Em seguida, faz-se o sorteio para saber quem será o primeiro; o jogador joga o dado e anda a quantidade de casas igual ao resultado do dado, onde o marcador parar terá uma pergunta ou um sinal para responder e se acertar joga mais uma vez e se errar passa a vez. Vence quem chegar ao topo.

DISCUSSÃO

A utilização de recursos visuais no ensino de alunos com surdez tem sido amplamente discutido na literatura específica e ganhado reconhecimento do ponto de vista de autores que defendem a Pedagogia Visual, como Martins (2010) por favorecerem a exploração das experiências visuais que são próprias das pessoas com surdez.

Os materiais apresentados são de fácil confecção e utilização, apropriando-se de recursos disponíveis no cotidiano da escola e favorecendo a discussão de que a educação bilíngue para alunos com surdez não se realiza apenas na aquisição da Libras pelo aluno em questão, mas por toda a comunidade escolar (MARTINS, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos materiais pedagógicos adaptados elaborados por uma professora do ensino fundamental menor e Educação de Jovens e Adultos de duas escolas municipais

de Castanhal para trabalhar a disciplina de Libras na sala regular, verificou-se a possibilidade de acessibilizar materiais pedagógicos para trabalhar o conteúdo tanto da disciplina de Libras quanto de outras disciplinas com o uso de materiais do cotidiano escolar.

Sugere-se que em uma próxima pesquisa sejam observados os comportamentos (ações, conversas e comentários) dos alunos com surdez e seus colegas de turma ao utilizar tais materiais pedagógicos adaptados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Casa Civil. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 05 set. 2011.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 05 set. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2011.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação continuada de professores para diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação** v. 16, n. 48, set.-dez. 2011 p. 641- 661. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a07.pdf>. Acesso, 22 fev. 2013.

CAPOVILLA, Fernando; RAPHAEL, Walkíria. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volumes I e II – 3. ed. – São Paulo: EDUSP, 2008.

FERREIRA, Windyz. Inclusão x Exclusão no Brasil: reflexões sobre a formação docente dez anos após Salamanca. In: David Rodrigues (Org.). **Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2006, p. 211-238.

GESSER, Aundrei. **LIBRAS?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola: Editorial, 2009. (série estratégias de ensino, 14).

JESUS, Sônia Cupertino de; DOMINGUES, Thereza da C. A. Surdez, cultura e educação. In: Congresso de Letras, V., 2005, Caratinga. Anais... Caratinga: UNEC, 2005. p. 133-141.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social.** São Paulo: Avercamp, 2006.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Florianópolis: UFSC, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos:** Aquisição da linguagem. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, Mônica. **Relação professor surdo/alunos surdos em sala de aula: análise das práticas bilíngues e suas problematizações.** Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2010.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. Educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **Revista da Educação Especial** - Out/2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>>. Acesso, em 12 mar. 2013.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: Ronice Müller de Quadros (Org.). **Estudos Surdos I.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006, p 13-37.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **Educação do surdo no Brasil.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.